



O Problema da Ação Política no Pensamento Social de Mariátegui (a Experiência da *Revista Amauta*).

Ronaldo Tadeu de Souza¹

Resumo

O artigo tem como objetivo problematizar a questão da ação política como forma de constituição dos sujeitos sociais da transformação radical e socialista no pensamento político e social de José Carlos Mariátegui. Este foi um dos temas que mais preocupou Mariátegui no Peru em particular e na América Latina em geral. A hipótese que o artigo procura debater é que para resolver a questão da ação política no contexto peruano e latinoamericano Mariátegui planejou a edição de uma revista intelectual e política que abordasse os mais variados temas das humanidades (a *Revista Amauta* de 1926) como elemento de formação dos sujeitos sociais da ação política.

Palavras-chave: Mariátegui, Ação Política, Peru, Amauta

El problema de la acción política en el pensamiento social de Mariátegui (la experiencia de la Revista Amauta)

Resumen

El artículo tiene como objetivo discutir el tema de la acción política como un medio para establecer la transformación social de los sujetos radicales y socialistas en el pensamiento político y social de José Carlos Mariátegui. Este fue uno de los temas que más preocupan Mariátegui en el Perú en particular y América Latina en general. La hipótesis de que el artículo pretende discutir es que para abordar el tema de la acción política en el contexto peruano y latinoamericano Mariátegui previó la edición de una revista intelectual y política que abordara diversos temas de las humanidades (la *Revista Amauta* 1926) como un elemento de formación de los sujetos sociales de la acción política.

Palabras-clave: Mariátegui, Acción Política, Perú, Amauta

The problem of political action in the social thought of Mariátegui (the experience of Amauta Magazine)

Summary

The article has as aims to discuss the issue of political action as a form of constituting the social subjects of radical and socialist transformation in the political and social thought of José Carlos Mariátegui. This was one of the issues that most concerned Mariátegui in Peru in particular and Latin America in general. The hypothesis that the article tries to discuss is that to resolve the

¹ Doutorando no departamento de Ciência Política da USP. Pesquisa as áreas de teoria política contemporânea, teoria democrática, marxismo no século XX e pensamento político e social brasileiro.

matter of political action in the Peruvian context and Latin American Mariátegui planned the edition of an intellectual and policy journal that would address various topics of the humanities (the *Journal Amauta* 1926) as a element of formation of the social subjects of political action.

Keywords: Mariátegui, Political Action, Peru, Amauta

Introdução

Este escrito tem como objetivo discutir a questão da ação política no pensamento social de José Carlos Mariátegui: teórico marxista peruano e para muitos o principal intelectual desta corrente de ideias na América Latina. Dito isto qual a problematização que está sendo enfocada tendo em vista a ação política no pensamento mariateguiano? Nos países de desenvolvimento econômico, social e político clássico a ação política definiu-se com clarividência: seja na Inglaterra de Cromwell ou na França jacobina (e em certa medida na Alemanha² do *Império Bismarckiano*) esta questão foi resolvida na medida em que os sujeitos políticos e sociais tanto da transformação da ordem social vigente como da conservação desta foram prontamente delineados pelos intérpretes e atores sociais propriamente ditos. Assim houve em referidas sociedades relativa congruência entre a compreensão e a explicação da dinâmica evolutiva das relações sócio-econômicas e sócio-políticas daquelas e a identificação das forças sociais que agiriam – com intuito de transformação ou conservação do ordenamento social e político de então. Exagerando em nossa problematização: não houve dificuldade pra os franceses, ingleses e alemães de entenderem que a aristocracia, a burguesia, o proletariado, a pequena-burguesia e o campesinato eram os correspondentes imediatos do feudalismo, do capitalismo moderno industrial e dos coveiros que iriam enterrá-los. No plano da história das ideias políticas *A riqueza das nações*, *O manifesto comunista* e *O antigo regime a revolução*: são documentos teóricos e históricos que representaram a congruência acima referida. Com efeito; nas sociedades latinoamericanas (ou indoamericanas como por vezes as chamava nosso autor) o processo constitutivo de congruência entre o entendimento social e o delineamento dos sujeitos da ação política não ocorreu. Ou seja: o problema que perpassa o pensamento político e social de Mariátegui é o da incongruência estrutural-imanente na conformação interpretativa dos sujeitos da ação política transformadora e insurrecional. A lógica interna do pensamento mariateguiano impõe sobre si mesma uma incongruência positiva, de modo a fazer surgir desta

² É mais do que conhecido as abordagens que tratam a Alemanha como caminho intermediário entre de desenvolvimento capitalista. Como caminho entre a Inglaterra e a França e os países do oriente e da América Latina. Mas se tomarmos como referência analítica *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Max Weber a Alemanha compõe evolução clássica para a sociedade burguesa (na terminologia de Weber evolução singular típica do Ocidente, a individualidade histórica e significação cultural). Sobre o processo diferenciado de desenvolvimento da Alemanha ver Leo Kofler - *Contribucion a la Historia de la Sociedad Burguesa*, especialmente o capítulo 6 *Alemania y Prusia* da parte 4, ed. Amorrortu.

peculiaridade proposições criativas concernentes à construção da ação política nas sociedades latino-americanas. Ao propormos esta problematização em torno da ação política na interpretação do pensamento social de Mariátegui, nosso escrito formula como hipótese de trabalho que a perspectiva de resolução do marxista peruano como desdobramento da incongruência entre o entendimento da realidade política e social do Peru (e da América Latina) e a configuração dos sujeitos da ação política se dá na constituição do projeto intelectual da *Revista Amauta* no fim da década de 20. É com este empreendimento literário e cultural que José Carlos Mariátegui pensou e “planejou” o delineamento dos sujeitos histórico-sociais da ação política radical, transformadora – e socialista.

O escrito está organizado da seguinte forma, tendo em vista o objetivo, a problematização e a hipótese de trabalho: *primeiro* apresento brevemente, o problema dos sujeitos sociais e políticos no pensamento de Mariátegui para posicionar o leitor diante da questão da ação política mariateguiana; *segundo*, tento reconstruir o que para mim é o problema de fundo das sociedades latinoamericanas, a particularidade da formação de nossos Estados; na *terceira* parte posiciono a teoria social de Mariátegui frente à complexa formação econômico e social do Peru; na *quarta* parte discuto o projeto da *Revista Amauta* como achado na construção da ação política dos sujeitos sociais da transformação socialista. Concluo com algumas considerações gerais sobre a situação dos movimentos de esquerda na América Latina no quadro de referências da problematização posta por Mariátegui.

Surge o Sujeito Social (ou não)?

Ao comparar a explicação de Caio Prado Jr. e José Carlos Mariátegui sobre os processos de formação econômica e social dos povos latinoamericanos André Kaysel (2012) identifica que o amauta presenciou no Peru “a sobrevivência do *ayllú* – comunidade rural indígena baseada na apropriação e no trabalho coletivos – e a persistência de relações de trabalho originadas nas *encomiendas* [...] mais próximo da servidão do que da escravidão” (p. 53). Ora o que a observação de Kaysel nos chama a atenção é que Mariátegui percebeu, talvez, mais do que qualquer contemporâneo seu: a sobrevivência justaposta na formação da sociedade peruana da feudalidade trazida pelos espanhóis com as tradicionais comunidades *ayllú* e sua cultura (seu modo de ser...) “comunista”. Dessa forma, como se poderiam propor os traços gerais da ação política, dado que havia certa incompletude na estruturação econômica e social dos povos peruanos? Vale dizer; a justaposição societária da feudalidade com as comunidades tradicionais no Peru, as “comunidades rurais indígenas”, tornavam ambíguas a configuração dos sujeitos políticos da ação. (O problema

que o pensamento de Mariátegui se defrontou no vislumbre de planejar a ação política nos povos indoamericanos como ele chamava a nós, os latinos é extensivo a outros intelectuais, políticos e literatos em nosso continente: de uma certa maneira Caio Prado Jr. no Brasil, Sérgio Bagú na Argentina e Marcelo Segall no Chile (KAYSEL, 2012, p. 54) estiveram diante da mesma questão mariáteguiana. E cada um, dentro da sua particularidade societária.). Mas vamos seguir mais um pouco com Kaysel. Não é ocasional que o título do ensaio que estamos mobilizando em nossa problematização do pensamento político e social de José Carlos Mariátegui seja *Os dilemas do marxismo latino-americano*. É que de fato Mariátegui encontra-se enredado em complexa situação interpretativa. A primeira vista poder-se-ia comparar as formações sociais latino-americanas, com as formações sociais do oriente – no caso mais evidente historicamente ao tempo de Mariátegui com a experiência chinesa e sua revolução. Tal comparação é certo, por um lado facilitaria o entendimento sociológico das questões peruanas uma vez que a partir de um fenômeno já estudado e completo tornaria a especulação investigativa mais próxima do concreto; mas por outro lado seria solapar, rudemente (e isto estava longe de Mariátegui que era não só intelectual e político de ação, era, também, um literato: um esteta³ por assim dizer), o caráter cultural diferenciado entre as sociedades chinesa-oriental e peruano-latina. Pois enquanto que na China o nobre e o burguês, e certos setores da classe média, estão “imbuídos de um sentimento nacional” (Idem, p. 55) opondo-os ao estrangeiro e permitindo, assim, aliança com o povo explorado pelo imperialismo; no Peru as burguesias criolas se sentem superiores ao índio e ao negro. Elas autoentitulam-se como europeus brancos que trouxeram a civilização para a barbárie das Américas: daí que a estratégia nacionalista como solução para o sujeito da ação política não ter efeito e ser criticada por Mariátegui. Novamente: “La Aristocracia y la burguesía criollas no se sienten solidarizadas con el pueblo por el lazo de una historia y de una cultura comunes. En el Perú, el aristócrata y el burgués blancos, desprecian lo popular, lo nacional. Se sienten, ante todo, blancos (MARIÁTEGUI, [1929] 1991, p. 204).

Assim, as questões de entendimento que apresentamos a pouco desdobram-se naquilo que a tradição marxista chama de teoria da revolução. Desdobra-se na procura dos sujeitos e atores sociais (KAYSEL, 2012, p. 56) que irão promover a ação política. A questão para Mariátegui passa ser a identificação de quem conduzirá o programa e as tarefas históricas da transformação socialista – na indoamérica. Não era solução simples que o entendimento mariáteguiano impunha a si mesmo. Indígenas ou camponeses, cultura comunal tradicional ou latifúndio, índios transformados em

³ Mais à frente iremos verificar que a questão estética como forma da atuação política será fundamental para a constituição da *Revista Amauta*. De certo modo Mariátegui antecipa o que viria a ser imprescindível para os marxistas e a esquerda socialista em geral ao longo do século XX: a relação entre política, literatura, artes plásticas, arquitetura e cinema (a estética) na emancipação social.

camponeses pelo colonialismo ou pequena-burguesia potencialmente nacionalista, criolos civilizados ou burguesia peruana: essas quase aporias apresentadas pelo pensamento político e social de Mariátegui não poderiam ter encontrado respostas convencionais no que diz respeito à ação política. Os achados clássicos neste aspecto – partido político, difusão do socialismo marxista entre as classes trabalhadoras, jornal político e econômico para toda a nação, equação proletariado + desenvolvimento das forças produtivas – seriam limitados para formações econômico-sociais tão diferenciadas e singulares. Tal como Lenin e Caio Prado Jr. nacionalizaram o marxismo (RICUPERO, 2000), o primeiro o *russificou* e o segundo o *tropicalizou*, a Mariátegui restava *peruanizá-lo*. A *Revista Amauta* deveria cumprir essa empreitada.

O Estado como Força Social

Dissemos a pouco que as dificuldades de José Carlos Mariátegui na conformação da ação política transformadora, radical e socialista dizia respeito às particularidades de identificação e delineamento dos sujeitos sociais. Esta dificuldade incluía, de certa maneira, os próprios grupos e frações dominantes. A sugestiva percepção mariateguiana na distinção entre a experiência chinesa (kuomitang) e a peruana (criolos sem afeição pelos autóctones) trazia problemas na asserção mesma de quem eram as forças de dominação que os povos latinoamericanos deveriam resistir. No entanto, a própria estruturação imanente (dialética) da formação econômico-social do Peru em particular e da América Latina em geral, fazia surgir na cena política de nossas sociedades: o Estado com força social de constituição dos sujeitos sociais dos grupos dominantes. De certo modo, a ação política das classes sociais opressoras na indoamérica está delineada na atuação estratégica e instrumental do Estado na cotidianidade. De um prisma explicativo distinto o fenômeno estatal na América Latina esteve presente nas elaborações de Mariátegui; com análises dispersas e difusas o amauta enfrentou o desafio teórico e intelectual de compreender o Estado em sociedades tão peculiares. É por isso que o tema do Estado não aparece com clarividência no principal trabalho mariateguiano – os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* trata desta questão indiretamente. Disto resultam duas discussões: por um lado, mesmo como intervenções analíticas alusivas e dispersas Mariátegui nos apresenta compreensão mais inteligível sobre os elementos envolvendo o Estado do que quando ao desdobrar estas análises procura delinear os sujeitos históricos da ação política (pois o próprio Estado como força social na América Latina dificulta a construção da ação política dos grupos oprimidos – mais à frente tentarei deixar este mais claro); por outro lado, isto me leva a recorrer a outra modalidade explicativa para tentar tornar minha argumentação mais legítima no plano eu estamos trabalhando, com isto exponho brevemente a produção que, talvez, melhor

entendeu e sintetizou a questão do Estado nas formações econômico-sociais latinoamericanas. É com *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica* de Cardoso e Faletto que gostaria de dialogar neste ponto.

Não somente no Brasil o Estado configurou-se como força social constitutiva de alguns grupos sociais. Pode-se dizer que o ocorrido no Brasil estende-se por toda a América Latina⁴. Com efeito, o Estado na América Latina adquiriu funções particulares – que o diferenciou, substancialmente, das formações econômico-sociais clássicas.

O Estado como força social foi (e é...) elemento importante e imprescindível no desenvolvimento da estrutura básica da economia da América Latina; ou seja, o Estado tanto atuava como intermediário de inversões estrangeiras, como ele mesmo por vezes era quem iniciava as inversões (financiamentos) que permitisse a melhoria da produtividade da indústria (CARDOSO e FALETTO, 1969, p. 125). Dessa forma, na medida em que os grupos sociais dominantes (burguesia crioula, grandes proprietários de terra, capitalistas estrangeiros) apresentam dificuldades no mecanismo de sedimentação de sua organização econômica dada a fragilidade constitutiva de origem: era o Estado quem se colocava como ator impulsionador da ação política dos grupos referidos. Mas ao Estado era reservado outras duas especificidades. A ele era dada a função de arbitragem político-social em dois planos: no primeiro plano como couraça de proteção, vale dizer, os setores médios e a burguesia revitalizada (com os próprios investimentos estatais e o aporte de capitais externos) manejam o aparato estatal para resistir (e até oprimir) aos grupos e setores populares e trabalhadores (Idem, p. 128); no segundo plano, a arbitragem estatal fixou-se em processos mais específicos, como a contenção da pressão das classes populares administrando os preços dos salários e outros tipos de remuneração permitidos por uma política de exportação que aumentasse os lucros de diversos setores sociais (CARDOSO e FALETTO, 1969, p. 132). Daí que deste segundo plano, chega-se ao Estado populista; à forma do Estado característica das sociedades latinoamericanas para muitos. O populismo é, contraditoriamente⁵, uma força social prejudicial para os interesses das classes populares por introduzir nestes elementos de desorganização – já que sequestra sobremaneira a autonomia organizativa daqueles, fragilizando os componentes da subjetividade. Que é vital na ação política transformadora e socialista. Assim, mediado fortemente pelo Estado o populismo se define na sociologia do desenvolvimento de Cardoso e Faletto como “aliança” heteróclita de setores sociais na transição da formação econômica agroexportadora para a formação moderno-industrial. Com participação limitada das massas o populismo é a convergência

⁴ Em *Desenvolvimento e dependência na América Latina* Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto tratam mais pontualmente das formações: brasileira, argentina, mexicana e chilena.

⁵ Contraditoriamente porque o populismo só se realiza como forma político-estatal se atender algumas demandas dos setores populares. O que para alguns autores garantiria certos direitos e aumentaria o nível de vida destas classes.

tópica e temporal: dos grupos terratenentes, dos setores populares urbanos (e rurais em algumas sociedades), das classes médias e dos grupos empresariais do comércio e da indústria (Idem, p. 116, 117 e 118). Voltemos a Mariátegui.

A Teoria Social de Mariátegui: a Experiência Intelectual de *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*

Para José Aricó:

7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana [...] constituyen el mayor esfuerzo teórico realizado en América Latina por introducir una crítica socialista de los problemas y de la historia de una sociedad concreta y determinada. Mariátegui los consideró simplemente como resultados provisionales de la aplicación de un método de examen que no reconocía antecedentes en el movimiento socialista latino-americano (ARICÓ, 1978, [Prólogo] p. LV).

Com efeito, *Sete ensaios...*, dentre outras virtudes teóricas e conceituais caracterizou-se pela nacionalização do marxismo; caracterizou-se por “fundir teoria com realidade, produzindo verdadeiramente um marxismo [e um pensamento] latinoamericano” (RICUPERO, 2000, p. 64). Dessas asserções sobre a principal obra do amauta podemos avançar a seguinte construção analítica e ensaiarmos uma interpretação a partir dela: o núcleo constitutivo da teoria social mariateguiana presente em *Sete ensaios...* localiza-se na interação societária entre a estrutura econômica que justapõe a feudalidade à comunidade indígena tradicional e o inacabamento da República como regime político pós-revolução da independência. Vejamos, então.

As comunidades tradicionais incaicas se organizavam por meio de profundo senso de cooperativismo. Ao estudá-lo, Mariátegui nota que a produção do bem-estar material dos povos incaicos provinha de trabalho coletivo substancialmente: laborioso, disciplinado e solidário (MARIATEGUI, [1928] 1988, p. 15). Desta forma: “el trabajo colectivo, el esfuerzo común, se empleaban fructuosamente en fines sociales” (Idem). Com a colonização dos espanhóis o solidarismo incaico deixou de “existir”, pois foi substituído pela exploração das minas de ouro e prata. No entendimento teórico de Mariátegui houve um processo de substituição relativa com a chegada dos conquistadores espanhóis; à cultura e aos costumes incaicos profundamente arraigados na ligação recíproca das pessoas em seus afazeres essenciais e na cotidianidade sobrepôs-se uma visão de mundo preocupada, quase que exclusivamente, com a exploração do ouro e da prata (Idem, p. 17). Deve-se acrescentar que a esta estruturação a sociedade peruana viu desembarcar dois agrupamentos que tornar-se-iam vitais na composição dos sujeitos política da ação: a pequena corte

espanhola (cortesãos, aventureiros, clérigos, inquisidores, a pequena burocracia⁶), e os escravos negros⁷. O processo de formação do Peru trouxe, de acordo com Mariátegui, a experiência social da economia agrária e do latifúndio feudal. A particularidade deste processo é que a esta forma de se organizar a produção, a comunidade incaica ainda manteve muito de seus costumes e cultura. Seguindo neste ponto, Mariátegui nos diz que mesmo o Peru sendo um país de tradição mineradora (ouro e prata...) a perspectiva de país agrícola sempre esteve presente, de modo que “El cultivo de la tierra ocupa a la gran mayoría de la población nacional. El índio, que representa las cuatro quintas partes de ésta, es tradicional y habitualmente agricultor” (Idem, p. 29). Assim, é possível detectar o caráter intrincado da configuração societária dos povos peruanos que a teoria social do amauta aborda; o emaranhado de forças estruturais e de atores que se cruzam na conformação do Peru conduzem as soluções para os problemas que daí surgiriam para situações as mais dificultosas: quais seriam os sujeitos sociais da ação transformadora, radical e socialista que surgiria da interação entre a feudalidade, a tradição na exploração do ouro e da prata (a mineração), a comunidade incaica e sua solidariedade, a corte espanhola, o índio e o escravo negro e a economia agrícola (já importante para os peruanos e intensificada pelos interesses do explorador espanhol, na perspectiva de inserção da divisão internacional do comércio)? Por isso Aricó nos chama a atenção de que: *Sete ensaios...* sempre foi entendido por Mariátegui como trabalho provisório; a continuação de sua teoria social iria buscar compreender “la evolución política y ideológica del Perú” (ARICÓ, 1978, [Prólogo] p. LV) tendo como parâmetro a dinâmica complexa que expusemos a pouco.

Acima abordamos a configuração do Estado na América Latina dialogando com o ensaio sociológico de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. Deixe-me, então retomar os fios analíticos que se soltaram quando encerrei aquela parte. A modelagem de unificação e organização das sociedades latino-americanas, no nosso caso de estudo a sociedade peruana, dada as diversas forças sociais foi possível, somente, com a atuação estratégica das instituições estatais. Foram elas que coordenaram os interesses das classes dominantes por um lado, e que desorganizaram (na organização circunstancial) as massas e os trabalhadores por outro. Em *Sete ensaios...* Mariátegui aproxima-se deste tema de modo disperso e difuso como já nos referimos, quando analisa a criação da *República* peruana na pós-independência. O que sua teoria social nos diz a esse respeito?

Diz nos o amauta:

La revolución de la Independencia no constituyó, como sabe, un movimiento

⁶ Quando nos referimos à ação política dos sujeitos históricos e sociais, incluímos também, as classes e os grupos opressores dos povos da indoamérica. Claro que nosso foco, assim como o de Mariátegui, são as classes populares e os trabalhadores.

⁷ “A los elementos y características de una sociedad feudal se mezclaron elementos y características de una sociedad esclavista” diz Mariátegui.

indígena. La promovieron y usufructuaron los criollos y aun los españoles de las colonias. Pero aprovechó el apoyo de la masa indígena. Y, además, algunos indios ilustrados como Pumacahua, tuvieron en su gestación parte importante. El programa liberal de la revolución comprendía lógicamente la redención del indio, consecuencia automática de la aplicación de sus postulados igualitarios. Y, así, entre los primeros actos de la República, se contaron varias leyes y decretos favorables a los indios. Se ordenó el reparto de tierras, la abolición de los trabajos gratuitos, etcétera, pero no representando la revolución en el Perú el advenimiento de una nueva clase dirigente, todas estas disposiciones quedaron sólo escritas, faltas de gobernantes capaces de actuarlas. La aristocracia latifundista de la Colonia, dueña de poder, conservó intactos sus derechos feudales sobre la tierra y, por consiguiente, sobre el indio. Todas las disposiciones aparentemente enderezadas a protegerla, no han podido nada contra la feudalidad subsistente hasta hoy (MARIÁTEGUI, [1928] 1988, p. 42).

O Estado forjado no Peru, que Mariátegui alude⁸ com o conceito de *República*, teve como sentido a realização dos direitos dos povos indígenas. Não é sem importância dizer que a massa de índios e outras populações oprimidas e exploradas pelo colonizador espanhol terem apoiado a revolução da independência – mesmo esta objetivando resolver os desejos dos criolos e dos espanhóis da colônia. Como intelectual e escritor marxista Mariátegui estava preocupado com o aspecto formal do regime⁹ da *República*, de modo a verificar a persistência material da feudalidade; mas a inquietação dele esteve mais voltada para os elementos subjetivos do problema. Esteve voltada para o enfraquecimento das energias políticas (o élan...) da raça indígena. Ora, na medida em que o projeto republicano expressaria o abandono da miséria da exploração colonial ele tinha a necessidade de cumprir, parcialmente, com a demanda dos movimentos indígenas e populares, sobretudo, nas questões envolvendo a terra (o “costumbre y [...] alma dos índios). Sem isso a potencia da independência republicana no Peru perderia não só a força política material – mas também, a legitimidade diante das populações mais interessadas. Dessa forma,, a *República* se valeu de “una especulación demagógica de algunos caudillos[y] [de] los partidos criollos [com isto] Disminuyeron [...] en los indios la voluntad de luchar por sus reivindicaciones” (Idem, p. 43) e sua cultura.

A teoria social de Mariátegui não estava satisfeita com a explicação do sentido da passagem do colonialismo feudal para a forma da *República*. No tópico *La comunidad bajo la República* do ensaio *Lo problema de la tierra (Sete ensaios...)* o literato indo verifica a relação da comunidade indígena com o regime da Republica. Dois elementos chamam a atenção do amaute: o primeiro é a absorção das antigas e tradicionais comunidades indígenas à organização produtiva dos latifúndios

⁸ Por isso dissemos que Mariátegui aborda o Estado de modo alusivo e disperso por vezes; e que utilizamos de sorte a problematizarmos esta questão com mais clareza o ensaio de Cardoso e Faletto.

⁹ Neste aspecto Mariátegui não se afasta da tradição clássica do marxismo. Desde *A questão judaica* de Marx a relação entre forma do regime político e conteúdo material da sociedade atormenta os teóricos do materialismo histórico: com Mariátegui não foi diferente.

que descaracterizou gradativamente certos aspectos da cultura destes povos. Segundo, e aqui se pode perceber certa ambiguidade criativa no pensamento mariateguiano, é que a consequência da absorção das comunidades pelo latifúndio levou ao esfacelamento da organização econômica, social e jurídica destas civilizações tradicionais, mas Mariátegui afirma que na *República* seus atores dominantes (“escritores y legisladores”) (MARIATEGUI, [1928] 1988, p. 72 e 73) não preservaram, também, as antigas formas de comunidade, vendo nelas elementos de primitivismo – obstáculos ao pensamento liberal moderno (Idem). Paradoxalmente, Mariátegui deixa entender que um verdadeiro capitalismo vigoroso e dotado de autonomia administrativa promoveria, contraditoriamente, alterações no horizonte político dos índios: os colocaria em via de “organizarse y emanciparse como clãs, por via de los demás proletariados del mundo” (Idem). E sem perder sua cultura cooperativista alicerçada no espírito da solidariedade “comunista” (Idem, p. 75); uma vez que mesmo as terras comunais sendo apropriadas pelo latifundismo e desprezadas pela *República* na qual leis liberais vigoravam a certo tempo, elas não tinham perdido seu caráter cooperador: o índio não havia se tornado cidadão individualista (Idem). O projeto da *Revista Amauta* no fim da década de 20 objetivava solucionar as observações que Mariátegui empreendeu em sua teoria social. Porque mesmo com certas ambiguidades analíticas, complementadas pela complexa e intrincada formação social e econômica, o pensamento mariateguiano apresentou, em seus paradoxos criativos, sugestivas interpretações da realidade peruana e por extensão da América Latina. Entretanto, destas ambiguidades e paradoxos (quase que conscientes) irrompe no pensamento do amauta uma dissociação política. De sorte a dificultar a identificar quem são os sujeitos políticos da ação radical e socialista. Vale dizer: como se poderia construir e delinear a ação política diante da contingência indecível acerca de quem são os agentes da transformação?

Filologia Mariateguiana ou Traduzir o Marxismo para o Peru

O pensamento social e político de Mariátegui é uma peça literária inacabada – provisória nos termos de Aricó. Pode-se dizer que essa característica da produção mariateguiana é responsável pela incongruência positiva de suas proposições políticas. Incongruência a que estou aludindo aqui, é preciso reafirmar, afasta-se de qualquer perspectiva de reprovação ao amauta. Ela tem muito mais o sentido de uma desconexão impetuosa e uma dissociação criativa que resultou, talvez, no principal projeto intelectual da esquerda latino-americana – a *Revista Amauta*. Mais do que um plano de construção teórico-político, a *Revista Amauta* foi projetada e idealizada como ação filológica. Arquitetou-se tal empreendimento editorial no intuito de conformar cultura crítica e humanista necessárias aos povos incaicos na sua luta pela libertação socialista. Não se restringindo ao

doutrinarismo político a *Amauta* aparece como espaço de articulação dos grandes movimentos de “renovación políticos, filosóficos, artísticos, literários, científicos” (BRUCKMANN, 2009, p. 137). Esta escavação utilizando a linguagem das humanidades, na diversidade disciplinar que a constitui, tinha o objetivo de ao mesmo tempo debater as ideias fundamentais de construção da nação peruana (Idem) e forjar os sujeitos sociais da ação política radical. Dada as dificuldades que Mariátegui se defrontou conforme nossa exposição acima, concernente à identificação dos atores sociais em meio à emaranhada formação econômico-social peruana, unicamente um projeto de intervenção intelectual do estilo de *Amauta* poderia aproximar-se das expectativas de Mariátegui e seu grupo. É preciso lembrar, como bem demonstrou Luiz Bernardo Pericás, a vocação publicista¹⁰ de Mariátegui o acompanhou a vida toda. Diz Pericás:

[Ele] [Mariátegui] em 1925 funda, com seu irmão Julio Cezar a Editora Minerva. Publicou seu primeiro livro, *La escena contemporánea*, naquele mesmo ano e, em 1928, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, sua obra mais importante. [E] desde seu retorno ao país até o final de sua vida, tornou-se diretor da revista *Mundial*, cuidando da seção *Peruanicemos al Perú*, teve mais três filhos com sua esposa italiana, fundou a revista mensal *Amauta* e o quinzenário *Labor*, continuou publicando artigos em outros jornais da capital e fundou o *Partido Socialista* e a *CGTP - Central Geral dos Trabalhadores do Peru* (PERICÁS, 2006, p. 190).

Em particular o projeto publicista de Mariátegui no contexto da *Amauta* respondia a algumas interpretações deste sobre a questão da unidade indoamericana. No escrito de 1924 publicado na *Varietades* de Lima (e republicado no *El Universitário* de Buenos Aires em 1925) nosso autor exprime o quadro da vida política que *Amauta* deveria ser responsável em compreender. É que para Mariátegui mesmo o estilhaçamento social da América espanhola sendo sentido pelos autóctones, a busca pela unidade cultural é política – passo decisivo na transformação socialista da perspectiva dos latino-americanos não deveria ser negado como utopia, ou mesmo como abstração vazia (MARIÁTEGUI, [1924] 1991, p. 362). Malgrado a dispersão imposta pela violência econômica dos colonizadores que deu “vida” ao homem argentino, peruano, mexicano e chileno: na esperança mariateguiana existe subjacente à dispersão a sobrevivência do homem latino com “Las mismas ideas, los mismos sentimientos [que] circulan por toda la America indo-española [...] Sarmiento, Martí, Montalvo no pertenecen exclusivamente a sus respectivos pátrias, pertenecen a Hispano-América” (Idem, p. 362 e 363). Assim, uma literatura e uma poesia, as artes plásticas e a sociologia, a mentalidade e a filosofia, a história política e a crítica literária “refletem” a unicidade cultural do

¹⁰ A experiência de Mariategui na Europa no momento da revolução russa foi fundamental para seu projeto editorial. Além de Lenin, o amauta teve como referência teórica o periódico de Gramsci *L'Ordine Nuovo*. Ver sobre isto o capítulo 3 do estudo de Mónica Bruckmann que estamos utilizando neste breve estudo.

homem indoamericano (Idem). Com esta interpretação o pensamento político e social de Mariátegui estava efetuando tarefa hercúlea. Estava realizando aquilo que José Aricó denominou de tradução do marxismo. E a *Revista Amauta* foi passo decisivo na experiência intelectual e política do peruano na tradutibilidade do materialismo histórico. Antes de terminarmos este escrito com uma análise detida dos lineamentos constitutivos da *Amauta* presentes na apresentação feita no primeiro número da revista em setembro de 1926, convém verificarmos, mesmo que breve, o conteúdo geral da revista e alguns temas discutidos em suas páginas.

Se seguirmos o estudo de Mónica Bruckmann, especialmente o capítulo *La revista Amauta* de seu livro *Mi sangre em mis ideas: dialética y prensa revolucionária en José Carlos Mariátegui*, logo entenderemos a importância da revista na construção dos sujeitos sociais da ação política no quadro dos problemas enfrentados pela teoria social mariateguiana. O conteúdo da revista se caracterizou, ganhando destaque na cena intelectual e literária latino-americana, pela amplitude dos temas que trouxe para o debate (BRUCKMANN, 2009, p. 143). Discutindo com criatividade e permitindo que vários escritores, políticos e literatos publicassem a *Amauta* difundiu em suas páginas debates sobre o folclore peruano e a filosofia, a psicanálise (recém criada por Freud em Viena) e a crítica de arte. Com isto, a revista se distanciava dos temas enrijecidos da ortodoxia da *III-Internacional* com ascensão de Stalin. Enquanto estes abordavam apenas o problema do desenvolvimento das forças produtivas e qual etapa ela estava nas varias regiões do mundo, tendo a certeza dogmática de que os atores sociais das etapas seriam a burguesia nacional e depois a proletariado, Mariátegui e a *Amauta* dedicaram estudos e ensaios à “crítica y teoría literária y de arte, sino también cuentos, poesía, entrevistas, etc. Las reproducciones de pintura, grabados, fotografía [también] abundan em la revista” (Idem). A ousadia da *Revista Amauta* levou-a dispensar atenção ao cinema: com especial ênfase na obra cinematográfica de Charles Chaplin (Idem, p. 145). Estes são alguns dos conteúdos abordados pela revista de Mariátegui. Alguns dos temas discutidos na *Amauta* estiveram ligados aos “grandes aspectos de una época: el antiimperialismo, e socialismo, y la problema indígena” (Idem, p. 146). Com efeito, no tema geral do antiimperialismo desfilou nas páginas da *Amauta*, parte, das divergências entre Haya de la Torre e Mariátegui. Enquanto para de la Torre e a *PARA* o antiimperialismo deveria ser o foco da luta na América Latina, no pensamento político mariateguiano a luta tinha que objetivar o socialismo – tendo como método o antagonismo entre as massas peruanas e os grupos exploradores. Assim, a ação política como questão para José Carlos Mariátegui esteve, indiscutivelmente, atrelado ao projeto de construção político e cultural da *Amauta*. Nosso autor, de refinada sensibilidade estética¹¹,

¹¹ Neste ponto específico o pensamento político de Mariategui aproxima-se do pensamento de Rodó. O humanismo estético como movimento político para a libertação da América Latina esteve no horizonte intelectual de Rodó.

compreendeu que somente um denso trabalho de difusão filológica – e filológica porque buscou escavar a linguagem única do homem indoamericano – da cultura humana imbricada na cultura autóctone (a condição indígena nos termos de Gonzalez Prada) (Idem, p. 177) poderia solucionar este problema. Mas nada revele mais as intenções mariateguianas com a *Amauta* que a apresentação do primeiro número da revista.

A abrangência cultural da *Amauta* se deve a ela estar associada a um movimento político e de ideias e ao espírito inovador de seus idealizadores. Quer dizer a “revista em el campo intelectual, no representa um grupo” (MARIÁTEGUI, Archivo Chile). Expressando seu desejo de outrora em criar uma revista de cultura e política, Mariategui afirma a vontade de fundar um periódico desde que veio da Europa – e que este desejo “se há vinculado con el de outro intelectuales y artistas que piensan y sienten parecidamente a mí (Idem). Deste modo, a *Amauta* seria uma espécie de paladino do movimento e da geração (Idem) que se colocou a tarefa convicta de impulsionar a ação “beligerante” dos agentes da mudança social e política. Radicalizando sua heterodoxia criativa, e corroborando as intenções da *Amauta* em face das dificuldades enfrentadas a partir da conformação de sua teoria social da realidade emaranhada do Peru, Mariátegui surpreende aos ortodoxos de esquerda asseverando que à revista é “absolutamente inútiles los programas [...] *Amauta* [...] no tiene necesidad de un programa; tiene necesidad tan solo de un destino, de un objeto” (Idem), a saber: conformar os sujeitos históricos que agirão na América Latina à procura do socialismo – e da democracia de fato. Deixemos o incaísmo de Mariátegui terminar:

El objeto de esta revista es el de *plantear, esclarecer y conocer los problemas peruanos* desde puntos de vista doctrinarios y científicos. Pero consideraremos siempre al Perú dentro del panorama del mundo. Estudiaremos todos los grandes movimientos de *renovación* políticos, filosóficos, artísticos, literarios, científicos. *Todo lo humano es nuestro*. Esta revista vinculará a los hombres nuevos del Perú, primero con los de los otros pueblos de américa, enseguida con los de los otros pueblos del mundo. Nada más agregaré. Habrá que ser muy poco perspicaz para no darse cuenta de que al Perú le nace en este momento una *revista histórica* (Grifo meu) (Idem).

Tentativa de Considerações Finais...

Em que medida o pensamento político e social de Mariátegui, tal como o abordei, ainda é sugestivo para especularmos soluções a respeito dos problemas que afligem as sociedades latinoamericanas? Em outra direção, podemos questionar até que ponto os recentes movimentos antissistêmicos, tem o pensamento do *Amauta*, efetivamente, como referencia política? Ou ele é

somente referência romântica no sentido negativo da palavra?

O problema dos sujeitos históricos e sociais da ação política não foi resolvido ainda na América Latina e neste passo Mariátegui e as elaborações e projetos que ele esteve envolvido são atuais – e precisa ser perscrutado criativamente pela crítica acadêmica de esquerda e os movimentos políticos. E nada revela mais o problema que abordamos, bem como a não resolução política destes, que a forma como a esquerda se projetou no continente. Walter Mignolo (2005, p. 91) comenta que a “Latin America is in efervescence [...] In the last decade, major transformations have taken place”; e isto é positivo para a configuração subjetiva dos movimentos de resistência às forças neocolonizadoras. Não obstante, as principais figuras da efervescência política na América Latina demonstram profunda negativa ao pensamento político e social de Mariátegui. Ao apresentar estas figuras Mignolo deixa implícito as limitações destes movimentos e as principais figuras que os sustentam com representantes de nossa latinidade. Para retomarmos o pensamento e o projeto intelectual, literário e político de Mariátegui precisamos começar a indagar: até que ponto os projetos de inserção institucional (e eleitoral...) na política do continente empreendido por Morales e Nestor Kirchner, Lula da Silva e Rafael Correa, Hugo Chaves/Maduro e Mujica respondem às necessidades de autonomia criativa dos potenciais agentes sociais e políticos da transformação? Minha hipótese é que a experiência intelectual de Mariátegui nos diria que teríamos de buscar o “otro nuovo”...

Referências

ARICÓ, José. Prólogo. Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano. Mexico. Cuadernos de Pasado y Presente, 1978

BRUCKMANN, Mónica. Mi sangre en mis ideas: dialéctica y prensa revolucionaria en José Carlos Mariátegui. Caracas. Fundación Editorial El Perro y la Rana. 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependencia y desarrollo en América Latina: ensayo de interpretación sociológica. Siglo Veintiuno Editores, 1968.

KAYSEL, André. Os dilemas do marxismo latino-americano nas obras de Caio Prado Jr. e José Carlos Mariátegui. Revista Brasileira de Ciências Sociais – v. 27 nº 79, 2012.

KOFLER, Leo. Contribucion a la historia de la sociedad burguesa. Buenos Aires. Amorrortu Editores, 1997.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Presentación de Amauta. Archivo Chile. Lima. Año 1, nº 1, 1926 [Acesso em 30/12/2015].

_____. Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana. México. Serie Popular Era, 1988.

_____ Textos Básicos. Lima. Fondo de Cultura Económica, 1991.

MIGNOLO, Walter. The idea of latin america. Oxford. Blackwell Publishing, 2005.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariategui e a questão da educação no Peru. *Revista Lua Nova*, São Paulo, nº 68, 2006.

RICUPERO, Bernardo. Caio Prado e a nacionalização do marxismo no Brasil. São Paulo. Fapesp/Editora 34, 2000.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.